

## AS FRONTEIRAS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM AS MENINAS

Alessandra (Állex) Leila Borges Gomes (UEFS)<sup>1</sup>

Paula Rúbia Oliveira do Vale Alves (UEFS)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho pretendemos sistematizar elaborações concernentes ao relacionamento entre a História e a Literatura, a partir da pesquisa bibliográfica acerca do tema e análise do romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. A leitura baseia-se no referencial teórico de estudiosos o assunto, como Paul Veyne, Flávio Loureiro Chaves, Peter Burke e Valdeci Rezende Borges. Compreendemos que há duas principais proposições que devem ser consideradas ao pensar a relação entre História e Literatura: a primeira, é que se trata de discursos com características, métodos e objetivos distintos; a segunda, que os textos ficcionais são pautados não na veracidade dos fatos, mas na verossimilhança interna da narrativa, podendo, não raras vezes, fornecer uma complementação ao leitor, não apenas do ocorrido, mas daquilo que poderia acontecer.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Literatura; Narrativa.

**ABSTRACT:** In this work we intend to systematize elaborations concerning the relationship between history and literature, from the literature on the subject and analysis of the novel *The Girls*, Lygia Fagundes Telles. The reading is based on the theory of the subject scholars such as Paul Veyne, Flávio Loureiro Chaves, Peter Burke and Valdeci Borges Rezende. We understand that there are two main propositions that should be considered when thinking about the relationship between history and literature: the first is that it comes with features speeches, methods and different goals, and second, that fictional texts are not guided in the truth of the facts but the likelihood of internal narrative can, often, provide a complement to the reader, not only of what happened but of what might happen.

**KEYWORDS:** History, Literature, Narrative.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora de Tópicos da Narrativa no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), coordenadora do Núcleo de Estudos Portugueses (NEP) da UEFS.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia e pós-graduada em saúde mental pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

No romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, encontramos de forma precisa a intersecção entre história e literatura, a partir de um reconhecimento claro das referências a uma época marcante na história do nosso país — a ditadura militar instaurada pelo golpe de 1964. Tais referências são usadas pela autora não apenas como pano de fundo para o desenrolar da narrativa, mas, sobretudo, enquanto estruturação do discurso das personagens que, incorporando nuances de um período confuso, complexo e brutal da história do País, aponta para um universo de ações e reações representativos da condição dos jovens daquela época.

Dessa forma, a primeira impressão que se tem ao ler o romance lygiano é a de que, associados ao universo ficcional, a história foi absorvida de tal modo que nos coloca num entre-lugar bastante produtivo, entre vida e imaginação. Dito de outro modo, vemos o contexto sócio-político-cultural do Brasil ser tripartido a fim de se materializar nas tendências subjetivas de três jovens — Lorena, Lia e Ana Clara —, sobreviventes das agruras desse tempo.

Na capa do romance *As meninas*, edição de 1992, publicada pela editora Nova Cultural, consta que essa narrativa foi considerada pelo crítico literário Antonio Cândido como obra-prima da literatura brasileira e que se trata do testemunho de uma época marcante no Brasil. Publicado originalmente em 1973, o livro traça um painel da realidade brasileira durante o regime militar, e foi o mais lido e comentado da autora, alcançando a lista dos mais vendidos. O contexto histórico do romance, já o dissemos, é o Brasil governado pela ditadura militar, instalada por um golpe de estado, que vigorou entre 1964 e 1985. Associado ao contexto histórico, Lygia Telles retrata a juventude da época com seus conflitos e sentimentos, através das personagens Lorena, Lia e Ana Clara; cada qual com seus dramas subjetivos, gostos e preferências. As três jovens moram no pensionato de freiras Nossa Senhora de Fátima, dirigido pela madre Alix. Elas têm histórias de vidas diferentes: Ana Clara viveu uma infância pobre e sofrida, afetada também pela troca frequente de parceiros amorosos da mãe. É uma personagem que visa à ascensão social a qualquer custo, conciliando encontros escondidos com o amante e um noivado com um homem rico, para quem finge que é virgem. Ana Clara enfrenta problemas com as drogas que acabam por levá-la à morte. Já Lorena descende de uma família quatrocentista, decadente, mas ainda com boa situação financeira; mantém hábitos e gostos burgueses, empresta dinheiro, provê as necessidades das duas amigas e vive aguardando o telefonema — que nunca vem

— de um homem casado. Lia vem de uma família amorosa e defende radicalmente a liberdade, inclusive sexual; representa a militante política que participa da luta clandestina contra a ditadura militar; através dela a autora denuncia as arbitrariedades e injustiças do regime ditatorial vigente e mostra os horrores da tortura exercida pelos órgãos repressores, cujo exemplo mais pujante aparece quando Lia lê para madre Alix um panfleto sobre a tortura de um jovem nos porões da ditadura:

Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resistia e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me a então a aplicar os choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fedidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos: mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. (TELLES, 1992, p.127/128)

Vê-se aqui demonstrado o uso que a literatura faz dos acontecimentos históricos para construir seu enredo. Em entrevista para Maurício Stycer, publicada na revista *Carta Capital*, de 14 de maio de 2003, Lygia Fagundes Telles conta que estava escrevendo o romance quando caiu em suas mãos um texto descrevendo uma sessão de tortura, ocorrida nos porões do regime militar. Seu segundo marido, Paulo Emílio Salles Gomes, a incentivou a aproveitar o conteúdo do texto no seu livro, e ela o fez através da voz da personagem Lia. Segundo a autora, a censura aprovou o romance porque o censor achou o livro muito chato e não leu além da página 40, por isso, não viu o trecho supracitado. E acrescenta: “Esse livro é o

testemunho dos anos de chumbo. O escritor é testemunha da sua sociedade, do seu tempo.” (TELLES *apud* Stycer, 2003).

Nessa mesma linha de pensamento, em um texto intitulado *Personagens gostam da vida, como nós* escrito para o jornal Estado de São Paulo de 12 de outubro de 1995, Telles (1995) aduz à opinião da crítica sobre o romance:

Ricardo Ramos, um querido amigo e grande escritor, filho de Graciliano, escreveu sobre *As meninas* e disse que esse romance levou a plena quadra de horror o nosso primeiro depoimento de tortura. Sim, esse depoimento está meio escamoteado na boca da personagem Lia, a Lião. E como eu poderia escrever um romance morno em pleno ano de 1970? Comecei a planejar o texto em 1970. Somos testemunhas e participantes deste tempo e desta sociedade com todos os seus vícios.

Do resumo e comentário sobre o romance *As meninas*, observa-se que a autora utiliza fragmentos da realidade vivida para compor o enredo da narrativa, adicionando elementos ficcionais, imaginários, sem preocupação ou compromisso com a descrição fiel e objetiva dos fatos, demonstrando aquilo que se afigura como demarcação precisa das especificidades da história e da literatura. O uso da expressão “meio escamoteado” no texto citado acima confirma o caráter ficcional, mimético, da narrativa, em contraposição à caracterização da narrativa histórica, referida no discurso científico.

Tentando definir esses dois campos distintos do conhecimento, reporta-se ao artigo *História e Literatura: Algumas Considerações*, no qual Valdeci Rezende Borges (2010, p.94) propõe refletir acerca da relação entre “[...] a história, como processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico.” Verifica-se aqui uma semelhança entre os dois campos, no que se refere à historicidade comum a ambos, podendo a história utilizar-se da narrativa ficcional como indício para investigar eventos e contextos históricos e uma diferenciação entre eles: a história é definida como disciplina científica e como tal se utiliza dos métodos e do discurso da ciência, diferentemente da literatura, enquanto expressão artística que goza do privilégio de incluir elementos ficcionais, sem compromisso com a veracidade dos fatos, nem com a formatação do discurso científico. No artigo intitulado *História e literatura: Uma relação de troca e cumplicidade*, Borges observa que a literatura “[...] tomada

como documento é fonte e testemunha exímia para o estudo dos imaginários sociais à medida que é um produto social e, enquanto tal revela as condições da sociedade em que ocorre [...]” (1993, p.33), e acrescenta que a literatura não é o reflexo da história, mas “um imaginário da história, esta é imanente àquela, e não uma fatalidade exterior a ela”.

Entende-se que a literatura, como expressão artística possuidora de historicidade e fonte documental do imaginário social, pode dialogar com a História enquanto disciplina científica, sem serem excludentes, o que se confirma na assertiva de Borges sobre a literatura:

Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular. (BORGES, 2010, p.99)

Seguindo na mesma linha de pensamento, Veyne (1995) afirma que tanto a história quanto o romances são narrativas, mas a história se distingue do romance num ponto essencial: “[...] o romance narrado pela história é verdadeiro, o que o dispensa de ser cativante: a história de um determinado evento pode permitir-se ser enfadonha sem, por isso, desvalorizar-se [...]” (p.15). Portanto, seguindo tal linha de pensamento, podemos afirmar que a diferença entre os dois gêneros narrativos consiste em que, para o romancista, especulações sobre a hiância que separa a experiência vivida (o que aconteceu) da narrativa (o que poderia ter acontecido), pode ocasionar experiências estéticas criativas; enquanto para o historiador, no entanto, tal ponto é a descoberta de um limite. Em nenhum caso, todavia, um evento é apreendido de maneira direta ou completa, mas, sempre, incompleta e literalmente, quer por documentos ou testemunhos (caso do historiador), quer pela imaginação ou suplementação (caso do romancista). Sendo assim, para longe da tradicional afirmativa da História de que é preciso que tudo tenha realmente acontecido para que seja inserido em seu campo, os discursos literários e históricos, na contemporaneidade, dialogam entre si e nos ampliam a percepção do passado.

Articulando as idéias de Paul Veyne com o pensamento de Flávio Loureiro Chaves no livro *Historia e literatura*, podemos pensar que, enquanto a história diz respeito à análise e explicação do que aconteceu e é construída a partir de elementos documentais, embora, na contemporaneidade assuma suas lacunas e limites, a ficção trata do que poderia ter acontecido, pretendendo alongar a fronteira do texto e joga com os espaços vazios, preenchendo-os de possibilidade, de *porvires*.

Em *As meninas*, o contexto sócio-político-cultural é ampliado pelo mergulho na interioridade de três tendências subjetivas, que permite ao leitor adentrar melhor a época retratada, entendendo-a, paradoxalmente, tanto como registro ou resgate de uma memória do País, quanto como ficcionalização dos fatos do passado. Vê-se que Lygia Telles não se atém estritamente à representação da realidade sociopolítica, porque vai além da descrição de um mundo externo, jogando-nos, também, no mundo interior das personagens, e suplementando tal contexto com elementos subjetivos, dramas familiares e sociais próprios do período.

Nesse sentido, Maria Célia Paulillo, no artigo *Em busca da essência feminina*, considera que, paralelamente ao registro de abuso do poder e da supressão da liberdade, corolários do regime militar, também aparecem representadas a modernização das relações sociais, trazidas por Lygia através da abordagem de temas com o aborto, virgindade, sexo livre, homossexualidade, drogas, divórcio, masturbação etc. Segundo a autora, o romance permanece atual em virtude do modo narrativo “[...] que submete a ação à rica vida interior das protagonistas, ponto de encontro entre o social e o psicológico”. (PAULILLO, 1999, p.61). Embora a luta contra a ditadura tenha forte presença na narrativa, seu foco principal é a transformação dos costumes que inovaria a vida familiar e social do país.

Peter Burke, no texto *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa* comenta que os historiadores não têm a liberdade para inventar seus personagens, nem as palavras ou pensamentos delas: “[...] além de ser improvável que sejam capazes de condensar os problemas de uma época na narrativa sobre uma família, como freqüentemente o fizeram os romancistas.” (1992, p.347). Dessa forma, pensamos que as diferenças entre os discursos literário e histórico, com demarcação das especificidades de cada um e a abertura ao diálogo entre ambos, implicam, antes, a aceitação de distintas interpretações para os fenômenos

humanos; enquanto a história positivista limitava-se às provas documentais, a nova história problematiza, sempre acha que pode ir adiante e busca a intertextualidade.

Assim, consideramos que, a partir das considerações teóricas suscitadas, o romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, foi aqui compreendido enquanto universo próprio, permeado, no entanto, pelo passado sócio-político-cultural dos chamados *anos de chumbo*, vividos em nosso país. Nesse sentido, há duas principais proposições que julgamos importantes ressaltar ao pensarmos a relação entre História e Literatura: a primeira, é que se trata de discursos com características, métodos e objetivos diferentes — discurso científico e discurso literário —; a segunda, é que os textos ficcionais retratam não necessariamente o que realmente aconteceu, mas o que poderia ter acontecido, pautados não na veracidade dos fatos, mas na verossimilhança interna da narrativa e na imaginação que amplia, suplanta, renova. Embora o relato literário não seja ciência, nem a ela poderá se adequar, é, também, uma representação de época, na medida em que incorpora criativamente a historicidade dos fatos humanos. Em contrapartida, a história tem sua origem no romance, mas se constitui como discurso científico. O historiador é cientista e como tal tem uma relação distinta com o objeto; não tem a leveza da literatura nem é seu propósito comover o leitor. Admitindo, portanto, que o texto ficcional não é propriamente uma mentira ou mero produto da imaginação, não lhe conferimos, evidentemente, o mesmo estatuto do discurso histórico, entretanto, realçamos seu caráter múltiplo e, sobretudo, imaginativo, uma vez que trabalha nas lacunas e limites do vivido, preenchendo-os de possibilidades de vida, daquilo que poderia ter sido ou, ainda, pode vir a ser.

### Referências Bibliográficas

BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura: uma relação de troca e cumplicidade**. Uberlândia: História & Perspectiva, n. 9, jul-dez 1993, p. 31-42.

\_\_\_\_\_. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992

CHAVES, Flávio Loureiro. **História e literatura**. 2. ed. Porto Alegre:UFRGS, 1991.

PAULILLO, Maria Célia. **Em busca da essência feminina**. In: Caderno de Leituras: orientação para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

Alessandra (Állex) Leila Borges Gomes e Paula Rúbia Oliveira do Vale Alves \_\_\_\_\_

STYCER, Maurício. **Lygia e as meninas**. São Paulo: Carta Capital, 14 de maio de 2003.

TELLES, Lygia Fagundes. In: **Personagens gostam da vida, como nós**. O Estado de São Paulo. Caderno 2, p. 5, 12 de outubro de 1995.

VEYNE. Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3.ed. Brasília: UNB, 1995.

**Recebido:** 30/06/2013

**Aceito:** 10/07/2013